

**JULIANA FERREIRA E SILVA
SANDRA MARIA SÍMARO**

**REVISTA *CAPRICHÔ*: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DO
SUPORTE COMPUTADOR NO SUPORTE REVISTA IMPRESSA**

**UNI-Facef – Centro Universitário de Franca
2007**

**JULIANA FERREIRA E SILVA
SANDRA MARIA SÍMARO**

**REVISTA *CAPRICO*: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DO
SUPORTE COMPUTADOR NO SUPORTE REVISTA IMPRESSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras do UNI-Facef – Centro Universitário de Franca, para obtenção de licenciatura plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marina Célia Mendonça.

**FRANCA
2007**

**JULIANA FERREIRA E SILVA
SANDRA MARIA SÍMARO**

**REVISTA *CAPRICH*O: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DO
SUPORTE COMPUTADOR NO SUPORTE REVISTA IMPRESSA**

Franca, _____ de _____ de 2007.

Orientador (a): _____

Nome: Marina Célia Mendonça

Instituição: UNI-Facef – Centro Universitário de Franca

Examinador (a): _____

Nome: Ana Lúcia Furquim Campos Toscano

Instituição: UNI-Facef – Centro Universitário de Franca

Aos nossos pais, começo e sentido de tudo; e pelo constante incentivo à busca pelo conhecimento.

Ao Rodrigo, pela compreensão e paciência nos momentos de ausência e, sobretudo, pelo amor.

À Tia Cidinha, pelo amor, sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos:

- à nossa orientadora, Prof^a Dr^a Marina Célia Mendonça, pela disponibilidade incontinente, pela excelência do saber compartilhado e pela motivação nos momentos mais difíceis;
- às nossas professoras do UNI-Facef, pela dedicação e incentivo à pesquisa, e por ter despertado em nós um novo olhar sobre a língua;
- à coordenação do departamento do curso de Letras, nas pessoas das professoras Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira e Ana Lúcia Furquim de Campos Toscano, que não mediram esforços para a formação de um curso de qualidade;
- à nossa amiga Maíra, que compartilhou conosco de seu conhecimento de uma forma solícita e generosa;
- à Beatriz, por contribuir para a materialização deste trabalho;
- ao UNI-Facef, especialmente na pessoa da Reitora Prof^a. Dr^a. Edna Maria Campanhol, pelo incentivo à pesquisa.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar algumas mudanças discursivas ocorridas na revista *Capricho*, que tem como público alvo jovens em sua maioria do sexo feminino, através de sete exemplares publicados entre 1987 e 2007, os quais constituem o *corpus* da nossa pesquisa. A base teórica utilizada é a análise de discurso de linha bakhtiniana e estudos sobre suporte de textos desenvolvidos pela História Cultural, cujo autor mais conhecido é Roger Chartier. Os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho são uma revisão bibliográfica de estudos bakhtinianos do discurso e de pesquisas diretamente relacionadas à nossa, e uma análise comparativa entre as revistas selecionadas e destas com textos da internet (serão comparados gêneros de um mesmo suporte – a revista impressa –, e esses com outros, presentes no suporte computador, no sentido de verificar como se estabelece o diálogo entre esses gêneros discursivos).

Palavras-chave: análise do discurso; suporte de textos; revista; internet; *Capricho*.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze some discursive changes that have occurred in the magazine *Capricho*, whose target audience is teenagers, mostly girls. Seven volumes of the magazine mentioned published between 1987 and 2007 constitute the corpus of this research. The discussion is based on theoretical issues derived from the Bakhtin School of discourse analyses and studies on the material support developed by Cultural History, whose best-known author is Roger Chartier. The methodological procedures adopted in this work are a bibliographical review, as regards the bakhtinian studies about discourse and researches directly related to ours, and a comparative analysis. The analysis includes a comparison of genres within the same support — the print magazine — and a comparison between the genres in the magazine and the ones found in the computer support, so that it is possible to verify how the dialogue between these discursive genres is established.

Keywords: discourse analysis; text support; magazine; internet; *Capricho*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ESTUDOS BAKHTINIANOS DO DISCURSO	12
2 SUPORTE TEXTUAL, PRÁTICAS DISCURSIVAS E GÊNEROS JORNALÍSTICOS	16
2.1 O SUPORTE DE TEXTOS REVISTA IMPRESSA	16
2.2 PRÁTICAS DISCURSIVAS NA INTERNET	18
2.3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS	20
3 A REVISTA CAPRICHÓ IMPRESSA	22
3.1 A RELAÇÃO ENTRE O IMPRESSO E O <i>ON-LINE</i> : APONTAMENTOS INICIAIS	22
3.2 CAPAS	26
3.3 TÍTULOS	28
3.4 <i>MSN</i> E PARTICIPAÇÃO DE GAROTOS NA REVISTA	33
3.5 <i>MSN</i> E PERGUNTAS SOBRE SEXUALIDADE	36
3.6 ESTILO DOS TEXTOS	42
3.7 ANÚNCIO PUBLICITÁRIO	43
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

O interesse para desenvolver esta pesquisa surgiu a partir de nossos estudos sobre variação lingüística realizados em dois artigos, um escrito em 2005 (nosso primeiro ano de graduação no curso de Letras do Uni-FACEF Centro Universitário de Franca), e outro produzido em 2006. Ambos foram publicados na *Revista do Curso de Letras* dessa instituição, nos respectivos anos (ver FERREIRA E SILVA; SÍMARO, 2005, 2006).

No primeiro desses artigos, intitulado “O uso do pronome objeto no filme *Os Incríveis*”, analisamos a forma como o uso do pronome objeto é apresentado ao público infanto-juvenil no filme. Para a realização desse trabalho, utilizamos como *corpus* o filme *Os Incríveis*, nas versões dublada e legendada, e comprovamos a hipótese inicial de que, no lugar dos clíticos, predominam os pronomes *ele(s)* e *ela(s)* como objeto direto, o que prova que essa variante lingüística está presente na mídia que se destina a esse público.

Nosso segundo trabalho, “O falante francano na televisão: o caso do pronome relativo *onde*”, teve como objetivo descrever o uso do pronome relativo *onde* feito por francanos na mídia televisiva local. Tínhamos como hipótese que este pronome era empregado de outras formas além da descrita pelas Gramáticas Normativas e, após análise das transcrições das falas de entrevistados e entrevistadores, confirmamos que há essa variante no uso dos sujeitos estudados, sendo esse uso comum inclusive entre falantes da norma culta (segundo estudos feitos a partir de gravações do projeto NURC¹, sabemos que os falantes de norma culta alternam um uso padrão e um uso não-padrão dos pronomes).

Com os interesses de pesquisa centrados nos estudos descritos acima, pensamos inicialmente em estudar a variação lingüística na revista *CAPRICHÔ*, em um enfoque sociolingüístico, ao longo de três décadas (da década de 1980 até a de 2000). Escolhemos sete exemplares da revista impressa para compor o *corpus* de nossa análise: n. 620, de 11 de abril/1987; n. 632, de 11 de abril/1988; n. 761, de 6 de julho/1997; n. 779, de 15 de março/1998; n. 1012, de 18 de fevereiro/2007; n. 1013, de 4 de março/2007; n. 1017, de 29 de abril/2007. Optamos por escolher dois exemplares do final das décadas de 80 e 90, e três exemplares do ano de 2007, com o intuito de coletar os dados sempre na mesma época em diferentes décadas, padronizando, assim, a coleta a cada dez anos.

¹ O projeto NURC (Norma Urbana Culta), coletou dados do português falado culto em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). Foram realizadas três modalidades de inquérito: diálogo entre dois informantes, diálogo entre documentador e informante e elocução formal (por exemplo: aulas). Os dados coletados têm servido de base para muitas pesquisas sobre o português falado culto no país.

Ao iniciarmos um estudo detalhado do *corpus*, nossos objetivos e a área de estudo se redefiniram ao percebermos que não era a Sociolingüística que nortearia nossa pesquisa, mas sim estudos a respeito de gêneros discursivos e suporte de textos - no nosso caso, a revista *on-line* e a revista impressa. As mudanças quanto ao *layout* e as variações nos gêneros dentro das revistas se mostraram mais significativas do que as variações lingüísticas utilizadas.

Assim, redefinimos como nosso objetivo a comparação entre gêneros de um mesmo suporte – revista impressa –, e a relação desses com outro suporte – o computador. Partimos de algumas questões na elaboração deste trabalho:

- 1) Houve mudanças na revista durante os anos que separam o primeiro do último exemplar?
- 2) Em que medida a revista mudou?
- 3) Essa mudança tem uma relação com os gêneros?
- 4) Como a internet interferiu no processo de mudança?

Na busca de respostas a essas perguntas, usamos como embasamento teórico os estudos sobre a filosofia de linguagem e sobre os gêneros do discurso de Bakhtin, e os estudos sobre suportes de textos e sua interferência nas práticas de leitura desenvolvidos na área da História Cultural, cujo autor mais conhecido, no Brasil, é Roger Chartier.

Os procedimentos metodológicos empregados são uma revisão bibliográfica de gêneros do discurso sob a ótica bakhtiniana e de pesquisas sobre os suportes de textos, em especial, os suportes computador e revista impressa; além de uma análise comparativa/dialógica entre os exemplares de revistas selecionados e destes com textos da internet.

1 ESTUDOS BAKHTINIANOS DO DISCURSO

Fiorin (2006) aponta que, para Bakhtin, todo enunciado parte de um outro enunciado em constante relação dialógica. Desta forma, os enunciados presentes no processo de comunicação são todos dialógicos, ou seja, um discurso terá sempre vozes de outros discursos. Essas relações que se estabelecem entre dois enunciados é o que chamamos de dialogismo.

Diferentemente das unidades da língua, na perspectiva bakhtiniana o enunciado pressupõe a resposta de outro e, ao dar voz ao outro é que realiza seu acabamento (MENDONÇA, 2006). Não se pode falar em enunciado sem que existam relações dialógicas. As unidades da língua, apesar de terem um sentido completo, não suscitam uma resposta do outro. Essa somente surge quando uma palavra, como por exemplo, “fogo”, é utilizada por alguém e transformada em um enunciado: “Fogo!”, pois assim ela possibilita uma resposta a uma situação concreta de perigo. Podemos dizer que a palavra, neste caso, passou a ser dirigida a alguém.

A resposta provocada por um enunciado nem sempre é conciliadora ou de entendimento, pode ser uma ferramenta utilizada para argumentar em sentido oposto ao que havia sido enunciado.

Conforme a filosofia bakhtiniana, o estilo do enunciado é dependente dos discursos do outro, sendo assim definido dialogicamente. Ele é determinado de acordo com a imagem que o enunciador tem de seu interlocutor, se ele é jovem ou não, mulher ou homem etc.

Na teoria bakhtiniana, estão presentes tanto as vozes sociais quanto as individuais, no entanto Bakhtin (conforme FIORIN, 2006) deixa claro que a maioria das respostas dos indivíduos tem um cunho social, além disso, ele diz haver não só um destinatário imediato, mas também um superdestinatário, que poderia ser representado pela sociedade, pela Igreja, pela ciência, entre outros.

Fiorin (2006) também afirma que, em Bakhtin, o sujeito se constitui nas relações sociais em que está inserido, no entanto ele não é submisso às estruturas sociais. O fato de o sujeito estar sempre em relação com outros faz com que as vozes sociais presentes na realidade sócio-histórica sejam apreendidas pelo mesmo. Sendo a realidade diversificada, não será apenas uma voz social que será apreendida, mas várias que se encontram em relações

entre si. Assim, podemos dizer que o sujeito e seus enunciados constituem-se dialogicamente, portanto, são sempre históricos.

Para o autor, enunciados com uma certa estabilidade com relação ao conteúdo temático, à construção composicional e ao estilo formam determinados gêneros. Estes são produzidos dentro de determinadas esferas de ação humanas, portanto, sofrem influência das condições específicas e das finalidades de cada uma dessas esferas, sem, no entanto, serem imutáveis, uma vez que as atividades do homem estão em constante processo de transformação.

O conteúdo temático do gênero, nessa perspectiva, é constituído por assuntos que apresentam um mesmo domínio de sentido e é afetado pela esfera da comunicação em que ocorre. Por exemplo, uma revista voltada ao público adolescente tratará de temas relacionados a essa faixa etária, como namoro, vestibular, conflitos com os pais etc. Já uma revista direcionada a executivos abordará outros temas relacionados ao meio em que esses interlocutores atuam.

A estrutura com que um texto se apresenta é o que se denomina construção composicional; essa organização é relativamente estável para cada tipo de gênero. Assim, quando pensamos em um texto científico, por exemplo, criamos em nossas mentes uma imagem de como o texto será organizado, com título, resumo, apresentação de dados, conclusão, entre outros.

Já o estilo compõe-se da escolha de certas palavras, frases e estruturas gramaticais, baseada na idéia que se tem do interlocutor e da presunção que se faz da sua atitude responsiva frente ao enunciado. Desta forma, a escolha lingüística de um mesmo sujeito será diferente em um ambiente de sala de aula, na produção do gênero aula, e em um churrasco informal entre amigos, onde se produzem gêneros da conversação cotidiana.

Fiorin (2006) afirma que, para Bakhtin, os gêneros são tipos *relativamente* estáveis de enunciados, o que significa dizer que não há uma rígida separação entre gêneros; como estes têm uma relação com a história, eles sofrerão influência da mesma conforme as mudanças que ocorrerem. Podemos, então, afirmar que os gêneros estão em constante modificação e, além disso, é importante observarmos o surgimento de novos gêneros, como aqueles que apareceram com o advento da internet (*e-mail, blog, chat etc.*), e o desaparecimento de outros, como a epopéia.

Bakhtin (2003) separa os gêneros em primários e secundários. Os primeiros, também denominados simples, são formados a partir da comunicação discursiva direta e são predominantemente orais. Neles se encontram o bate-papo, o bilhete, a conversa ao telefone

etc. Os gêneros secundários (complexos) pressupõem uma vivência cultural mais complexa, é o caso de textos científicos, de romances, textos filosóficos e religiosos... que são elaborados a partir da incorporação e reelaboração de diferentes gêneros primários. Quando esses gêneros simples são incorporados aos complexos, os vínculos imediatos com a realidade e com os discursos alheios são perdidos.

Percebe-se, já nesse conceito de gênero do discurso proposto por Bakhtin, a visão da linguagem como fenômeno dialógico: um gênero se constitui na relação dialógica com outros presentes na esfera sócio-histórica. O sujeito, nesse processo, também só produz linguagem tendo em vista esse dialogismo, visto que não há produção lingüística que esteja fora de um gênero, para o autor.

2 SUPORTE TEXTUAL, PRÁTICAS DISCURSIVAS E GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Segundo Barzotto (1998), há trabalhos recentemente publicados, especialmente por Roger Chartier, que focam a necessidade de se atentar para a materialidade dos objetos portadores de textos como partes da *construção de sua significação*.

Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois conjuntos de dispositivos: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras. (CHARTIER, *apud* BARZOTTO, 2001, p. 247)

Conclui-se que o suporte utilizado para a veiculação de um texto interferirá na interpretação do mesmo, tornando necessário acrescentar, ao estudo da leitura, a investigação do suporte no qual o texto está inserido.

2.1 O SUPORTE DE TEXTOS REVISTA IMPRESSA

Barzotto (1998) aponta, em estudo que realizou sobre a revista *Realidade*, que há uma escassez de pesquisas sobre esse veículo de comunicação que levem em consideração o suporte desse tipo de publicação. Sua pesquisa foi realizada com o propósito de verificar as relações entre dois ou mais textos diferentes, mostrando relações entre os textos da revista e o suporte no qual eles estavam inseridos. Foram utilizados três exemplares da revista: um de 1966, outro de 1971 e, por último, um exemplar de 1973.

Na análise, Barzotto (1998) utiliza o conceito de deslocamento, que guia sua reflexão sobre as relações entre os textos das capas, contracapas e sumários das revistas. Uma das formas de deslocamento é provocada pelas contracapas, com textos publicitários em que há a apresentação de produtos de origem estrangeira ou que permitem o acesso ao exterior do país, deslocando o leitor para um universo mais sofisticado e próprio daqueles que podem consumir esses produtos – trata-se, pois, de um deslocamento espacial e social.

Um outro exemplo de deslocamento encontrado na pesquisa está na relação de duas chamadas de capa: a primeira, “*O rico Roberto Carlos*”, e a última, “*Aprenda a arrumar emprego*”. Assim, se há o desejo de alcançar a riqueza que Roberto Carlos possui,

um primeiro passo para se deslocar para essa outra realidade pode ser através de um bom emprego. Percebe-se, nesse caso, que o sentido se produz na relação entre as duas chamadas de capa, o que revela que o sentido se produz na relação entre linguagem e suporte de textos.

Apontando relações entre a capa e o interior do mesmo número, Barzotto (1998) cita o que ocorre em um dos exemplares: a colocação da fotografia da atriz Marília Pêra no centro da página entre duas faixas pretas que podem simbolizar as cortinas de um teatro. Essa imagem está diretamente relacionada ao fato de a revista trazer em seu interior a relação da atriz com o teatro. Reforçando a idéia trazida por essa capa, o autor afirma:

O que a revista promete é trazer à luz alguns assuntos que julga de interesse do leitor. Abertas as cortinas do teatro revela-se a personagem; abertas as páginas da revista, o leitor ficará sabendo mais do que isso, ele conhecerá a atriz. A revista se anuncia na composição da capa como portadora de informações que julga interessantes ao leitor. (BARZOTTO, 1998, p. 36)

Analisando os sumários das três revistas, Barzotto (1998) observa que houve mudanças, especialmente relacionadas à sua condensação – os últimos são mais reduzidos que os primeiros. O autor destaca que essas mudanças podem atuar como uma forma de integração do leitor em um mundo em constante transformação; além disso, o autor cita que, através dessas modificações, novos leitores podem vir a fazer parte do nicho de leitores da revista.

Foi observado, no exemplar de 1973, que a revista passou a solicitar mais a participação dos leitores, prometendo, inclusive, pagamentos em dinheiro àqueles que contribuíssem com seções da revista através de material que fosse selecionado e publicado.

Assim, o autor revela, em suas análises, que o suporte revista impressa se alterou no período estudado e que essa mudança relaciona-se com o público-leitor – esse fato interessa à nossa pesquisa. Por outro lado, gostaríamos de destacar que o autor já aponta que o processo de produção de sentido não escapa da relação entre discurso e suporte de textos, o que também consideraremos relevante em nossa pesquisa.

2.2 PRÁTICAS DISCURSIVAS NA INTERNET

Com o advento da internet, surgiram novas práticas discursivas. Face a isso, Oliveira (2006) afirma que há a necessidade de um estudo do “processo de produção e circulação de discursos e efeitos de sentido” para que possa ser entendida a maneira como escritor e leitor interagem nessa nova esfera de comunicação.

Alguns estudiosos afirmam que nos encontramos na era da internet, que se mostra muito diferente da era do rádio ou da TV, pois um só espaço acopla ao mesmo tempo som, imagens, textos, enfim, constitui-se um lugar de hibridismo e se propõe como um meio democrático, dinâmico, ágil, instantâneo, interativo e participativo. (OLIVEIRA, 2006, p. 130)

Esse fato atinge os veículos de comunicação tradicionais através do surgimento de novas formas de informação, interação e comunicação. A mídia impressa tradicional procura seguir esse movimento da internet se envolvendo, por exemplo, com um número grande de *blogs*. Dessa forma, podemos pensar que haverá, ou já está havendo, uma mudança no jornalismo, uma reinvenção e não o desaparecimento do mesmo.

Atualmente, os jornalistas têm demonstrado mais suas opiniões através do espaço virtual em *blogs*, assim, a subjetividade passa a fazer parte da notícia que, pelas regras do jornalismo objetivo, deveria ser imparcial. Oliveira (2006) utiliza o termo *escreitor* para definir o leitor de *blogs*, pois este seria um leitor que age diretamente sobre o texto do jornalista-blogueiro podendo criticar, concordar, polemizar, e tudo em tempo real; diferentemente da forma como ocorre na leitura do jornal impresso.

O blog jornalístico, na verdade, impõe desafios para o *escreitor*, pois aparecem múltiplos papéis na leitura e na produção do texto digital. Há mudança no tamanho dos textos – mais curtos – para produzir maior dinamicidade na leitura e tornar o texto mais atrativo, tornando-se móvel: um caleidoscópio. (...) Tudo está para o *escreitor* como um cardápio recheado de uma superabundância de informações, em que o papel do leitor virtual é ter o poder de conduzir tudo como melhor lhe convier. Além disso há o poder de falar o que quiser e quando quiser, enfim ser um sujeito “livre”, que tem a ilusão de ser dono de seu discurso. (OLIVEIRA, 2006, p. 138)

Essas novas práticas discursivas serão importantes nesta pesquisa, especialmente no que se refere às características dos textos veiculados na internet: mais curtos e sem uma fronteira clara definida entre si, ou seja: uma metáfora que se aplica aos textos *on-line*, como afirma a autora, é a de um caleidoscópio.

Bignotto (1998), em estudo do suporte computador, destaca que o leitor do texto *on-line* é mais participativo que o do texto impresso, como também o considera Oliveira (2006). Nesse suporte, podem-se acessar diversos documentos através dos *links* presentes na mesma tela, o que gera um efeito de fragmentação da leitura e do texto, ao mesmo tempo que se abrem possibilidades “quase infinitas” de leituras para o leitor, que pode incansavelmente acessar documentos “prometidos” pela tela-base. As fronteiras entre os textos, nesse suporte, não são, portanto, bem definidas, levando a uma mistura entre eles (e, conseqüentemente, entre gêneros) e a uma alternância constante de leitura/foco conforme seu interesse ou

necessidade – em nossa pesquisa, como se verá, o texto impresso incorpora esse aspecto do texto *on-line*.

2.3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Lage (2002), ao definir textos midiáticos, os separa em três tipos: presencial, representacional e eletrônico; e afirma que essa classificação já não é apropriada sob o ponto de vista das condições necessárias e suficientes. Isso devido à possibilidade de alguns “gêneros de mensagens”² se enquadrarem em diferentes categorias; no entanto, essa classificação ampla mostra que, ao falarmos de textos midiáticos, estamos no campo do uso social da língua e dos outros sistemas simbólicos.

Um texto jornalístico é construído a partir de informações obtidas por meio de pesquisas, entrevistas e apurações dos fatos. De acordo com Lage, para esse texto ser escrito deve ser utilizada a função referencial, que tem como característica a formalidade que é obtida pela produção em terceira pessoa e, freqüentemente, em discurso indireto.

O autor diz que a origem do *lead*, que é o primeiro parágrafo de uma notícia em jornalismo impresso, está ligada ao uso oral, pois se assemelha à forma como uma pessoa conta algo que presenciou, dando ênfase àquilo que mais lhe chamou a atenção, que considera como aspecto mais importante a ser relatado. A escolha do que será dito traz em si conceitos subjetivos e de interação com o social; assim, o relato é a união desses dois conceitos.

Um dos gêneros jornalísticos encontrados em revistas e analisados neste trabalho é a reportagem, a qual Lage (2002) diferencia de notícia pelo fato de que esta relata um fato novo, enquanto aquela aborda assuntos que surgem a partir de acontecimentos recentes ou não. O autor ainda menciona que a maioria das reportagens deve ter como característica a obediência a normas quanto à seleção do vocabulário e de regras combinatórias. Nos dois casos, o que se busca é a compreensão por parte do público alvo, ao se utilizar a linguagem coloquial; mas, ao mesmo tempo, procura-se atender à norma padrão. Em magazines especializados, é comum ocorrer a transgressão da linguagem jornalística, o que é justificado pela intenção de atingir o público leitor desse segmento. Veremos, na análise do *corpus*, que a revista *CAPRICO* apresenta o gênero reportagem com uma linguagem adequada ao público jovem, com gírias e o chamado internetês, mas também atualiza, no suporte impresso, características do suporte computador.

² O autor não usa o conceito de gênero como definido por Bakhtin e utilizado por nós nesta pesquisa.

Em suplementos e magazines, um tópico frasal, uma declaração, a resolução de uma questão proposta ou um breve relato que remeta ao tema podem servir como abertura para as reportagens – diferentemente da notícia que se inicia pelo *lead*.

Outro gênero discursivo que será objeto de nossa análise no *corpus* será a entrevista. Para Lage (2002), as pessoas que acreditam ser a publicação de uma entrevista em forma de perguntas e respostas a mais verdadeira forma de apresentar seu conteúdo, enganam-se, pois a transcrição de um texto falado para um texto escrito é trabalho árduo e que exige reelaboraões quanto à sintaxe, utilização de generalizações e um cuidado especial com os conteúdos implícitos. Para o autor, a forma noticiosa, em que há a reorganização das proposições da entrevista de acordo com seu grau de importância, é, muitas vezes, preferível. Sobre a forma de se apresentar os diferentes tipos de entrevista, não há uma grande variedade; na mídia impressa, há, normalmente, textos extensos e frases em destaque - a revista *CAPRICHÔ* apresenta, como veremos, diferentes formas de organizar o todo composicional das entrevistas.

3 A REVISTA *CAPRICH*O IMPRESSA

Neste trabalho, analisamos sete exemplares da revista *CAPRICH*O (n. 620, de 11 de abril/1987; n. 632, de 11 de abril/1988; n. 761, de 6 de julho/1997; n. 779, de 15 de março/1998; n. 1012, de 18 de fevereiro/2007; n. 1013, de 4 de março/2007; n. 1017, de 29 de abril/2007), sendo as revistas de 1987 e 1988 de publicação mensal, enquanto as outras têm publicação quinzenal. Nosso objetivo é comparar gêneros dentro de um mesmo suporte e a relação desses com outro suporte – o computador; e também pensar sobre a mudança do suporte revista impressa, daí o recorte feito do *corpus* em três décadas.

A princípio, pensávamos em fazer uma análise diacrônica sobre as mudanças na linguagem da revista sob o viés da Sociolinguística. No entanto, após uma observação detalhada do *corpus*, constatamos que a questão levantada no início não era a mais relevante; mas sim a influência da *internet* em determinados textos e no *layout* da revista, além de variações nos gêneros dentro das revistas impressas, comparando os sete exemplares.

3.1 A RELAÇÃO ENTRE O IMPRESSO E O *ON-LINE*: APONTAMENTOS INICIAIS

No n. 761 da revista *CAPRICH*O (de 1997), encontramos uma matéria a respeito do namoro virtual cujo *layout* remete à tela do computador e que faz uso de símbolos usados pelos internautas, como :-) e :-(; além disso, há a foto de dois *mouses* e o desenho de um coração ao fundo simbolizando uma paixão entre eles (ver figura a seguir). Vale ressaltar que o assunto abordado é como funciona uma sala de bate-papo, dando, inclusive, dicas para que o leitor possa fazer uso dessa ferramenta da *internet* de forma eficiente. Essa é a primeira reportagem cuja temática está relacionada à *internet* encontrada nos exemplares analisados.



Figura 1: Reportagem sobre namoro virtual
 Fonte: CAPRICH0, n. 761, jul. 1997, p. 68-72.

Ainda nesse número, existe uma seção, “fale com a gente”, em que o leitor pode entrar em contato com a redação através de um *e-mail* e, na edição do ano seguinte, desde a capa, o leitor já tem a informação sobre qual é o *site* da *CAPRICHÔ*, o qual aparece novamente na seção “dúvida?”, juntamente com outras formas de contactar a revista. Já os exemplares de 2007 trazem o *site* da revista destacado em linhas coloridas em quase todas as páginas na orelha esquerda inferior, como mostra a seguir a Figura 2. Isso revela que a relação entre o suporte impresso da revista e o suporte digital se acentuou na última década.



Figura 2: Página da revista com orelha em destaque.

Fonte: *CAPRICHÔ*, n. 1013, mar. 2007, p. 26.

Com relação aos exemplares mais recentes, destacaremos, nos próximos parágrafos deste item, algumas características que mostram a relação do suporte revista com a internet.

Há, muitas vezes, dicas de outros *sites* que podem proporcionar mais informações sobre o tema abordado nas matérias; como na seção “Favoritos” (na edição de 29/4/2007), que fala sobre três filmes, entre eles, *Batismo de Sangue*, e sugere aos leitores que acessem o *site* www.capricho.com.br/sala para obter entrevistas exclusivas com dois atores

deste filme. Um outro exemplo é encontrado na edição de 04/3/2007, em que, em uma reportagem sobre problemas com intercâmbio, é sugerido ao leitor que queira conhecer quem já passou por essa experiência acessar o *site* www.portal180.com.br. Também os anúncios publicitários trazem, na maioria das vezes, não só endereço ou número de telefone, mas também o *site* da empresa anunciante.

Na seção “*about me*”, a interação entre os suportes se dá através da publicação de fotos enviadas pelas leitoras em situações relacionadas ao tema sugerido pelo *site* da *CAPRICHÔ*. O resultado é a disposição, na revista impressa, de várias fotos de leitoras que não se preocupam em fazer pose e nem em se identificarem; o que há, de fato, é um título para a foto enviada que pode até ser o nome da leitora, mas não há essa obrigatoriedade. Esse formato, mostrado na Figura 3, remete mais a uma página virtual do que às antigas fotos que eram enviadas pelas leitoras através de cartas.



Figura 3: Fotos enviadas pelas leitoras
Fonte: *CAPRICHÔ*, n. 1017, abr. 2007, p. 8.

3.2 CAPAS

Analisaremos, neste subitem, as capas dos sete exemplares pesquisados. Nos exemplares da década de 80, eram capas da revista rostos de modelos que representavam o

subtítulo da *CAPRICHÔ*, “A REVISTA DA GATINHA”, e uma interjeição ao lado do título, “*miau!*”, e não tinham relação com assuntos abordados na revista. Ver Figura 4.



Figura 4: Capa da revista.
Fonte: *CAPRICHÔ*, n. 632, abr. 1988.

Já nas edições de 1997 e 1998, notamos que o subtítulo acima mencionado não aparecia mais e que as imagens das garotas das capas passaram a ter uma relação com algum dos artigos apresentados na revista. Assim, no exemplar de 1997, a garota da capa aparece usando um suéter e com uma expressão de quem está tentando se aquecer, inclusive cobrindo a boca e o nariz com a gola da blusa. O título da matéria com a qual a imagem se relaciona é “Brrrrr...”, e, sendo sobre moda, nela são apresentados vários modelos de casacos para enfrentar o inverno. Na capa da revista de 1998, há uma modelo cujo corpo é contornado por traços representando o seu tamanho antes de emagrecer e há uma chamada em destaque, “Emagreci 22 quilos em oito meses”, para o seu depoimento em uma das matérias da revista.

Essa relação da foto da capa com um dos conteúdos da revista manteve-se nas edições mais recentes, nas quais notamos também uma variedade maior nas fotos, não se restringindo a imagens de modelos femininos. As capas dos exemplares de fevereiro, março e abril de 2007 trazem, respectivamente, uma foto de um ator internacional famoso, um grupo de nove garotos entrevistados pela revista e duas atrizes globais. Analisando as cinco últimas

capas, pode-se dizer que as fotos atraem o leitor para um dos assuntos a serem apresentados pela revista, sendo que, nos exemplares de 2007, fazem parte inclusive da seção “reportagem de capa”.

3.3 TÍTULOS

Uma das partes da revista que sofreu grandes modificações ao longo das décadas estudadas foi o sumário. Nas edições da década de 80, não havia um título para esta página, não há mudanças consideráveis de um número para outro, as seções estão claramente divididas e seguem o modelo tradicional do suporte revista impressa. Já os números dos anos 90 têm o título “índice” destacado no canto esquerdo superior da página e a apresentação das seções é feita de uma forma mais informal; por exemplo, o número da página aparece antes do título da matéria, não há uma rigidez com relação à forma de apresentação, tanto que, em um intervalo de oito meses, há modificações de um exemplar para outro. As figuras a seguir mostram, respectivamente, um sumário da década de 80 e dois da década de 90.

11 ABRIL DE 1988

CAPRICHÔ

ANO 35
N.º 632

Adriana foi fotografada por Thomas Susemihl. Make-up e cabelo de Ayrton Piloto. Flor da Giovanna Baby, brinco da Cristina Bijoux, pijama da Ronex e coelho da Avicultura Roller. Produção: Anna Carmona.

MODA

Certo e errado 8
Tendências: Imagens do Inverno 88 50
Suéter: Inverno quente 56
Pijamas: Perdidos no espaço 62
Acessórios: Acerte na escolha 68
Jeans: Rapte-me, camaleoa! 72



Moda Jeans



Moda Inverno

BELEZA

Destaque: Certo e errado para você conferir 16
Corpo: Você sabe comer bem? 18
Foco: Os produtos que você vai usar neste outono 20
SOS: Soluções para suas dúvidas e problemas 20
Sempre aos domingos 80
Produtos eternos 86
Transformação: Uaaaauu... que gato! 90

COMPORTEAMENTO

Você e ele: Em vez de namorar, ficar 10
Intimidades: O que significa fazer uma psicoterapia 12
Help: Meu pai é um estranho que não me dá atenção 14
Papai é uma fera 94

SEXO E SAÚDE

Amor e sexo: Sou mãe solteira e tenho medo de voltar a namorar 14
Aprenda a conhecer a sua menstruação 124
Dr. Responde 130

GENTE

Kevin Costner: Intocável 28
Linha direta com Patrícia Amorim 38
Lobão: aventuras de um menino vadio 40

ESPECIAL

A cor que você usa diz quem você é 92
O mágico oráculo das flores 96
A emoção está de volta 98
Viagem: Buenos Aires, buenos mares 106

VOCÊ EM CAPRICHÔ

Sua opinião 4
Garotas do mês 27
Pesquisa: Você acredita em fantasmas? 32
Resultado: Vocês escolheram a melhor capa de 87 76
Resultado: Os melhores de 87 76
Paginaberta 116
Correio da gatinha 116
Telex 118

ATUALIDADES

Você e o mundo: Racismo e preconceito, a herança de Caim 30
Etc. e tal 33

EM TODAS AS EDIÇÕES

Garota da capa 8
Boa Idéia: Chocolate, entre nesta festa! 104
Profissão: Restauração, resgatando a história 112
Turismo 114
Endereços 118
Ficção: "O Fantasma" 120
Top Hits: Cazuza e Prince 128
Horóscopo 132
Meu diário 134

Se eu perguntasse a cada leitora de *Capricho* se ela gostou da capa desta edição tenho certeza de que a grande maioria diria que sim. Afinal, quem não gosta, ou não se emociona, de um bichinho assim tão lindo, tão doce? Dá vontade de pegar, de beijar, de fazer carinho, de ter um só pra gente. Aliás, nem precisa ser tão bonitinho assim... Aposto que você adoraria cruzar pelo caminho com um ET, bem monstrinho, que lhe mostrasse um coração iluminado, uma alma cheia de amor, que tocasse nas profundidades de seu ser. Chorar, rir, expressar nossos sentimentos, sem ter vergonha disso, sem dúvida nenhuma nos faz bem e nos enriquece. É sobre essa coisa boa e gostosa chamada emoção que falamos na página 98. Chore, ria, emocione-se. Que bom que tudo isso está de volta!

"Papai? Ah, ele é uma fera." Esta é uma frase que você diz com frequência? Então, leia na página 94 o que pode estar por detrás disso e quem sabe você descubra que ele não é tão bravo quanto parece. E se quiser uma "aproximação" sobre o assunto, que tal mostrar a matéria para ele? Pode ser o começo de um bom entendimento.

A redação de *Capricho* tem um monte de gatinhas, você sabia? As vezes brinco com as meninas por causa de suas sainhas curtinhas. Acho lindo. E neste outono/inverno as pernecas continuam de fora pra valer. Também o jeans, que não sai da moda, nem das nossas vidas, jamais, você vai usar de mil maneiras. Veja o que a Marcinha Orsini e sua equipe de moda escolheram para você da nova moda deste ano.

Um beijo bem gostoso.

Celia Pauli



Capricho

5

Figura 5: Sumário de 1988.

Fonte: CAPRICHÔ, n. 632, abr. 1988, p. 5.



Figura 6: Sumário de 1997.

Fonte: CAPRICHÔ, n. 761, jul. 1997, p. 5.

índice

15 de março de 1998



Esta CAPRICHÓ é da:

CAPA

Foto: Sergio Saraiva
Modelo: Marcela Braga, da L'Equipe, veste camiseta Bailarina, calça More Majorum e brincos Acessórios Modernos
Cabelo e maquiagem: André Veloso (Angel Agent)

Moda

- 76 Qual é sua dúvida?**
Saia comprida fica bem em quem é alta? Respondemos essa e outras dúvidas de moda
- 82 São Paulo, 25 de março**
Nossos achados em uma das melhores ruas para compras de São Paulo, a 25 de Março
- 88 Camiseta**
Fotografamos 21 modelos diferentes de camisetas. É impossível não ter pelo menos uma que seja a sua cara

Beleza e Saúde

- 110 Vinte e dois quilos a menos**
Descubra o que Marcela Greselle fez para não ser mais chamada de "Tratorão" na escola
- 114 Não me toque**
Ei, calma com esse sabonete — pode ser que sua pele esteja sensível. Aprenda a cuidar dela

Perfil

- 56 Lavando a alma**
Novela nova, esporte novo: a vida de Cláudio Heinrich está mudando
- 62 Novo em folha**
Guarda este nome (se puder): Java Mayan promete ser a revelação de *Corpo Dourado*
- 64 A receita de Astrid**
As histórias da apresentadora do *Barraco MTV*

Relações

- 96 Trinta formas de dispensar um menino**
Precisa dizer mais...?
- 100 Sem saber onde pôr a cara**
Console-se: não é só você que dá aqueles furos inacreditáveis
- 104 Não é o que você está pensando!!!**
Quando o assunto é sexo e/ou meninos, as coisas nem sempre acontecem como o planejado (ainda bem!)

Especial

- 48 É brincadeira!**
Playcenter, Terra Encantada, Beto Carrero World e Parque do Gugu: testamos os principais parques de diversão do Brasil
- 72 Melhores e piores 1997**
Depois de mais de três mil cartas, o resultado da votação

CLAUDIA LINHARES



Esta é a Monick de Moraes, 15 anos. Ela está segurando tudo o que conseguiu salvar quando saiu de seu apartamento no edifício Palace II, no Rio de Janeiro: alguns documentos. Sim, ela morava naquele prédio que começou a desabar, matou oito pessoas e acabou implodido. Isso você já viu no noticiário. Agora, na página 126, você vai conhecer mais de perto os detalhes dessa tragédia.

Seções

- | | | |
|---------------------|-------------------|------------------------|
| 6 Diário | 20 Tem que ter | 120 Signos |
| 8 Sem dúvida | 22 Fique bem | 123 Capricho escolheu |
| 14 Antes e depois | 24 Certo e errado | 132 Achados e perdidos |
| 16 Meu canto | 26 Na escola | 133 No forno |
| 18 Marca registrada | 28 Colírio | 134 Eu Capricho |
| 19 Pense nisso | 30 Eles por eles | |
| | 42 Teste | |

Figura 7: Sumário de 1998.

Fonte: CAPRICHÓ, n. 779, mar. 1998, p. 5.

Já nas edições de 2007, há uma influência da internet logo no título, que passa a ser “busca”. Observamos também que as páginas estão mais coloridas e os caracteres usados misturam letra cursiva com letra de fôrma. Percebe-se, assim, que o gênero sumário sofre mudanças nas últimas décadas e essas mudanças estão refletidas nos aspectos estilísticos que se aproximam da linguagem da internet.

No que se refere aos títulos de cada seção no interior da revista, os exemplares da década de 80 apresentam alguns deles em letra cursiva, o que nos parece já um indício de informalidade; no entanto, os nomes dados trazem pouca inovação quanto ao léxico, à exceção de seções como: “correio da gatinha”, “help” e “Etc. e Tal” – neles, se observa a presença de gíria (gatinha) e a indefinição da linguagem falada em “Etc. e tal”. As outras denominações para os tópicos que serão abordados são bastante tradicionais, tanto quanto à escolha do tipo de letra quanto ao vocabulário utilizado, além de estarem à margem esquerda superior da revista sem, assim, chamar muito atenção do leitor.

Analisando as revistas da década de 90, notamos algumas diferenças entre os números de 1997 e 1998. Apesar de a primeira manter alguns títulos sem inovação no vocabulário e nos caracteres, ela já traz títulos que se aproximam da linguagem oral do público jovem, como “meu jeito é”, “meu canto”, “ps do ps do ps”, “t. q. t.”, entre outros; além disso, esses títulos aparecem escritos em destaque dentro de faixas coloridas. Há, na edição de 1998, a manutenção de alguns títulos presentes na edição de 1997, havendo, porém, mudanças na sua apresentação: as letras são maiores e a maioria segue um padrão de virem envoltos em uma faixa vermelha. Ainda comparando os dois exemplares da década de 90, é interessante destacarmos que houve a supressão, no de 1998, dos títulos mais tradicionais das seções, exemplos: “comportamento”, “pele”, “moda” etc. passando a existir apenas os títulos das reportagens.

A influência da internet se faz muito presente nas revistas de 2007, em que surgem títulos como: “busca”, em lugar do sumário; “caixa de entrada”, seção em que o leitor dá a sua opinião respondendo a uma pergunta; “favoritos”, seção na qual são dadas dicas sobre o que ver, ler e ouvir; “carregando”, que dá dicas de novidades na internet; “tudo de *blog*”, que traz textos de leitoras blogueiras, previamente selecionadas, que colaboram com a revista.

Uma das características que se manteve ao longo das décadas estudadas é o uso de uma linguagem própria do público jovem, inclusive com o uso de gírias nos títulos das matérias, tais como: “uaaauuu... que gato!” (1988), “Papai é uma fera!” (1988), “É o bicho!” (2007), “Fique fria” (2007).

Percebe-se, dessa maneira, que os gêneros presentes na revista, nessas décadas, têm uma imagem do público leitor que interfere em seu estilo. A linguagem utilizada procura aproximar-se desse público. No entanto, o número mais recente da revista revela que o estilo dos gêneros digitais também interfere em grande medida nos gêneros impressos.

3.4 MSN E PARTICIPAÇÃO DE GAROTOS NA REVISTA

A contribuição de meninos entrevistados pela revista é algo que perdura desde os exemplares mais antigos até os atuais; no entanto, houve grandes modificações quanto à disposição da matéria na página.

Nas revistas da década de 80, as opiniões desses meninos apareciam inseridas em reportagens que abordavam questões de relacionamento entre eles e as meninas. O texto era escrito em duas páginas, cada qual dividida em três colunas, sendo, portanto, um texto longo. Além disso, havia participação tanto de meninos quanto de meninas. Há, na Figura 8, um exemplo desse modelo de reportagem, presente no exemplar de 1987, para ilustrar como isso ocorria.



Figura 8: Reportagem com a participação de garotos.

Fonte: *CAPRICHÔ*, n. 620, abr. 1987, p. 8-9.

Nos anos 90, a maneira como os meninos participavam do conteúdo da revista foi modificada, no lugar de uma reportagem longa e com opiniões de ambos os sexos, a matéria era feita baseada em uma pergunta que despertasse a curiosidade nas meninas pelas respostas, as quais eram dispostas em depoimentos separados uns dos outros com a identificação dos nomes e idades dos garotos. Ver Figura 9.

Eles por Eles

Na boca deles

É sempre bom saber **o que os meninos pensam sobre a gente**. Isso não significa que você precise mudar seu jeito de ser — mas vai que eles têm razão em alguma coisa...

Adoro quando elas	Odeio quando elas
<p>Murilo Moraes, 16, Curitiba, PR “Se ligam que está rolando alguma coisa e tomam a iniciativa.”</p>	<p>“Se fingem de bobas na hora que rola um sentimento.”</p>
<p>Rodrigo Sant’Anna, 18, São Paulo, SP “Olham pra mim, partem pra cima e não me deixam nem respirar.”</p>	<p>“Ficam esnobando, quando no fundo estão mais a fim do que se imagina.”</p>
<p>Cristian Panagiotou, 20, Cascavel, PR “Me paparicam, fazem todas as minhas vontades.”</p>	<p>“Pegam no pé, correm muito atrás.”</p>
<p>Marco Antônio Fussaro, 17, São Paulo, SP “São divertidas e me fazem rir.”</p>	<p>“Ficam bravas o dia inteiro. Geralmente sem nenhum motivo.”</p>
<p>Antônio C. Albuquerque Filho, 18, Rio de Janeiro, RJ “Comem sem ficar pensando que vão engordar.”</p>	<p>“Ficam fofocando e dando risadinhas entre amigas.”</p>
<p>Bruno Caldas, 19, Sorocaba, SP “Tomam a iniciativa.”</p>	<p>“Ficam me encarando e, quando eu tomo a iniciativa, fogem.”</p>
<p>Vinícius Carvalho, 17, Belo Horizonte, MG “Se fazem de difíceis.”</p>	<p>“Ficam me atiçando, só para provocar.”</p>
<p>Álvaro Duarte, 20, São Paulo, SP “São diferentes, me surpreendem.”</p>	<p>“Só pensam em coisas materiais.”</p>
<p>Ricardo Pinheiro, 15, Goiânia, GO “Têm personalidade, vestem o que gostam e não o que os outros gostam.”</p>	<p>“São fúteis ou se importam demais com o que os outros vão pensar delas.”</p>
<p>Daniilo Pereira, 19, São Paulo, SP “Se produzem para sair comigo.”</p>	<p>“Ficam quietas ou deixam de falar alguma coisa que estão sentindo.”</p>
<p>Nicholas Darcie, 15, Sorocaba, SP “Me beijam.”</p>	<p>“Me dão o fora.”</p>
<p>Luís Filipe Von Atzingen, 19, São Paulo, SP “Tentam me conquistar. É engraçado ficar vendo elas tentando, tentando...”</p>	<p>“Ficam muito apaixonadas, me ligando de cinco em cinco minutos.”</p>

Figura 9: Opinião de garotos na revista.

Fonte: CAPRICHÔ, n. 779, mar. 1998, p. 30.

Vale ressaltar que, nas primeiras edições (1987, 1988), a seção destinada à opinião dos meninos recebe o nome de “Você e ele”; e, na década de 90, “Eles por Eles”, o que evidencia a diferença exposta acima com relação a essas seções ao longo de uma década.

Nos exemplares mais atuais (de 2007), a opinião dos garotos aparece em um formato que se assemelha a uma entrevista coletiva. Ao invés de trazer as opiniões de vários meninos sem suas imagens, agora meia página da entrevista é destinada a uma foto com três garotos em um “sofá inflável”, sendo esse também o nome da seção. A conversa tem início com uma pergunta que é o título da matéria; a partir das respostas dadas, a *CAPRICHÔ* vai lançando outras, havendo, assim, uma interação entre a revista e os entrevistados. Há também interação entre as respostas dos entrevistados, um faz uso de algo que foi dito pelo outro para elaborar sua própria resposta. Reproduzimos abaixo um pequeno trecho desse modelo de entrevista que se encontra na edição de março de 2007, em que a pergunta “O que faz elas ganharem muitos pontos com você?” é lançada pela *Capricho*.

Gabriel: Ser bonita... **Erich:** É, ser bonita é o que conta pontos logo de cara, mas o mais importante é quando a mina tá presente no momento em que eu preciso.
CAPRICHÔ: Como assim? **Gabriel:** Ah! Ela tem que mostrar que se preocupa.
Guilherme: Se esforçar pra me encontrar, por exemplo. (*CAPRICHÔ*, n. 1013, mar. 2007, p. 97)

Nas edições de 2007, a forma como as falas são dispostas é contínua, ao contrário do que ocorria nas edições das décadas anteriores, em que as falas vinham marcadas pelo uso de aspas. Esse novo formato se assemelha muito ao *msn*, o que é uma influência do estilo do bate-papo no suporte computador no estilo de um outro suporte, a revista impressa.

3.5 MSN E PERGUNTAS SOBRE SEXUALIDADE

Nas revistas da década de 80, aparecia no sumário uma seção com o nome “Sexo e Saúde”, que informava que havia, entre várias matérias no interior da revista, uma com o título “Dr. Responde”, em que médicos de diversas áreas respondiam a perguntas dos leitores sobre saúde em geral, incluindo aí perguntas que eram relacionadas a sexo destinadas a um ginecologista e, algumas vezes, a um clínico geral. Como na maioria das matérias das revistas, essas perguntas eram dispostas em três colunas por página, não se utilizando de nenhum recurso visual para chamar mais atenção do leitor. Ver Figura 10.



Figura 10: Seção “Dr. Responde”
 Fonte: CAPRICHÓ, n. 632, abr. 1988, p. 130-131.

Nos anos 90, acontece uma significativa mudança, tanto na forma de apresentação da página destinada a sanar dúvidas de leitores, quanto no direcionamento que se passa a ter para a questão do sexo – nesses exemplares, esse tema tem uma seção própria, não mais dividindo espaço com outras áreas da saúde, como dermatologia, cirurgia plástica etc. Ver Figura 11.

sexo

Quem tem medo de ir ao ginecologista?

A médica Maria Inês Gasperini escreveu um livro sobre como é ir ao ginecologista. Assim fica claro que exame ginecológico não é um bicho-de-sete-cabeças. O sexo responde a todas as dúvidas que você tem. Esta ilustração aqui ao lado, de Mariana Knaid, é do livro. Se você quiser comprar, ligue (048) 224-0511.

Investigando...

Dá para saber quando um garoto é virgem?

R: Não há como ter certeza se um menino é virgem ou não. Só a ansiedade e a insegurança dele na hora de trocar podem ser um sinal de que ele não tem experiência. E mesmo assim ninguém garante que não tenha iniciado por estar com você. Um menino pode ser seu médico da primeira vez. Tem sempre aqueles que preferem não admitir que aquela foi (ou vai ser) a sua estreia. Em resumo: se ele não se abate, você pode até ficar na dúvida... mas vai continuar sem saber.

Camisinha, tem que usar

Para mostrar que não dá bola fora, Tony Garrido, do Cidade Negra, entrou na nossa campanha.

Escolha sua camisinha

Qual a diferença entre a camisinha normal e a colorida? Elas têm a mesma eficiência?

R: Não é a cor da camisinha que diz se ela é ou não eficaz. A qualidade do preservativo depende de ele estar bem embalado, dentro do prazo de validade, com o selo do Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro, que é o órgão de fiscalização). Se todos esses detalhes estiverem ok, a escolha é sua. Já basta usar direito para ser seguro.

• Nas farmácias, você pode encontrar as camisinhas coloridas da marca LyfeStyle, que são americanas e testadas pelo Inmetro.

• Se você, ao ficar na farmácia, ficar curioso com as camisinhas com sabor, lembre que elas são indicadas para fazer sexo oral com segurança. Afinal, se sexo oral não engravida, pode transmitir DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e Aids.

04812196 - 4 de junho de 1997

Figura 11: Seção “Sexo”
Fonte: CAPRICHÔ, n. 761, jul. 1997, p. 16.

Como podemos observar na reprodução da revista de 1997, a página voltada para responder às perguntas enviadas à revista se encontra mais colorida, com desenhos e fotografias de pessoas famosas alertando quanto à necessidade de se usar camisinha. Esse formato parece ser uma tentativa de atrair mais o público jovem para a leitura, devido ao forte apelo da imagem a que a sociedade nos parece estar cada vez mais submetida.

Nas edições de 2007, a mudança com relação à apresentação da página já é notada por desenhos que são formados ao redor do texto e que se relacionam diretamente com o tema sugerido para discussão. As Figuras 12, 13 e 14 são exemplos da relação texto e imagem.



Figura 12: Seção “Sexo” (Meninas com Meninas)

Fonte: CAPRICHÔ, n. 1017, abr. 2007, p. 74.



Figura 13: Seção “Sexo” (Tamanho é documento?)

Fonte: CAPRICHÔ, n. 1012, fev. 2007, p. 76.

SEXO

UMA CONVERSA NO MSN

DESIGN • Isabella Maiolino TEXTO • Marina Bessa

Segredos

Marina Editora da CAPRICHÔ			*Becka* , 16 anos
Na , 16 anos			Puá , 14 anos
Menynaa , 19 anos	<p>Marina diz: o que pra ninguém? Puá diz: hmm... *Becka* diz: putzz Menynaa diz: ah tem coisas q até p melhor amiga dá vergonha Puá diz: vdd Menynaa diz: por ex, eu tava mto a fim do menino, só q tinha vergonha de dizer q eu queria transar com ele... qdo eu tomei coragem, assim... não sei o q aconteceu q o "amigo" dele não cooperou *Becka* diz: ahuhaua Barbie diz: que pior! Menynaa diz: aí não contei pras minhas amigas pq elas ficam falando q a primeira vez delas foi perfeita *Becka* diz: mulher é muito competitiva... Na diz: e como! Menynaa diz: teve outra vez tbm. eu falava com um menino na net e tinha mta vontade de transar com ele... foi uma experiência mto louca pq ficamos só p transar Na diz: O.o Menynaa diz: contei p minha sobrinha q eh mais velha q eu, mas não contei q tinha sido só p transar com ele... eh assunto só meu *Becka* diz: tem q ser. mulher eh um bicho em q não se pode confiar Menynaa diz: brigou, vai logo contando os segredos Na diz: acho q rola inveja Menynaa diz: eh akela coisa de uma querer ser mais do q a outra... aí a gte não sabe se eh verdade o q elas falam Marina diz: vcs mentem? Puá diz: a gnt não mente, omite Barbie diz: hahaha Puá diz: ah, q eu tava quase lah com o menino eu nunk contei pra nenhuma amiga *Becka* diz: pq qdo vc conta alguma coisa "extraordinária" elas sempre te olham com akela cara de "nossa q absurdooo" Puá diz: parece que elas te julgam *Becka* diz: soltam um PUTZZ COMO VC DEIXOU? Na diz: principalmente akelas q se fazem de santas... Marina diz: o que gera polêmica? *Becka* diz: sexo oral Menynaa diz: falar q transou com o cara na primeira vez q ficou Puá diz: mão boba, masturbação.. Menynaa diz: gera mta polêmica Marina diz: e sobre se masturbar? Menynaa diz: isso a gente tem vergonha de falar q fez Barbie diz: é verdade. uma das coisas que a gente omite! Na diz: todas sempre têm vergonha, aí o assunto pára Puá diz: hauhau *Becka* diz: tinha receio de flar q uma vez eu bjei um mlk e ele se excitou Barbie diz: kkkkkkk Menynaa diz: eu tenho vergonha de dizer qdo sinto tesão pelo cara. ah gente, mas confessa aí... a gente tmb sente tesão qdo vê um cara bonito Barbie diz: muitooo Na diz: imagina vc chegar na tua amiga e falar: qdo fico com o fulano me dá um tesão... huahuah Marina diz: e sobre preliminares? Puá diz: depende, com algumas amigas Menynaa diz: acho legal contar pra ouvir a opinião dela. tipo, se ele tá a fim de vc só p transar e tal Barbie diz: qdo vc pega uma amiga mais "quietinha" é difícil! Menynaa diz: ah mas essas são as q mais dão conselhos *Becka* diz: na maioria das vezes Menynaa diz: q nem homem...qdo eh quietinho, pode ver q eh o mais safado hauhau</p>		Barbie , 17 anos
<p>91% das meninas escondem alguma coisa da melhor amiga*</p> <p>19% dizem que não confiam, outras 33% têm vergonha mesmo</p> <p>22% acham que masturbação é o maior tabu entre amigas</p>			<p>*Becka* diz: pode contar: camisinha tem que usar!</p>

* Enquete realizada com 2392 meninas no site www.capricho.com.br

capricho.com.br

96

Figura 14: Seção “Sexo” (Segredos)
 Fonte: CAPRICHÔ, n. 1013, mar. 2007, p. 96.

Nesses exemplares, um tema é levantado e levado à discussão pela própria *CAPRICHOS*. Essa conversa é feita no *site* da revista e trechos são transcritos para a seção “Sexo – uma conversa no *msn*”, a transcrição respeita as peculiaridades de um texto típico do *msn*. Há, assim, a utilização da linguagem própria de *sites* de bate-papo, exemplos: “acho *q naum...*” (acho que não), “*msm*” (mesmo), “*axo*” (acho), “*vdd*” (verdade), “*sei lah*” (sei lá), “*hmm*”, “*kkkkkkkk*”, “*hahahah*”, entre outros. Não há letras maiúsculas para se iniciarem as falas, elas aparecem apenas para marcar quando o participante quer dar ênfase no que diz, sendo este também um recurso utilizado pela lingüística na transcrição de textos orais, ou seja, as pessoas que fazem uso de salas de bate-papo ou *msn* fazem esse uso sem necessariamente ter o conhecimento técnico da lingüística.

Diferentemente do que ocorria nas décadas anteriores, há uma interação entre as leitoras, as respostas não são estanques, havendo interferência da fala de uma na de outra e também da repórter mediadora, o que é uma característica da oralidade. Mesmo a jornalista, que, na maioria dos textos, evita a utilização de palavras do “internetês”, faz uso de “vcs” no texto da Figura 14.

3.6 ESTILO DOS TEXTOS

Com relação aos textos encontrados nas revistas, podemos afirmar que, nos exemplares da década de 80, eram mais longos, em sua maioria divididos em três colunas por página, os temas abordados eram variados – desde assuntos mais diretamente ligados à juventude, como conflitos da adolescência, relacionamentos e dicas de moda e beleza para esse público alvo, até questões que envolviam preconceito racial, artigos sobre viagens e profissões.

Pareceu-nos não haver, nesses primeiros exemplares, um grande apelo visual da revista com o intuito de atrair a atenção do leitor, visto que encontramos algumas fotos e figuras em preto e branco e não vimos uma grande variação de cores nas matérias.

Na década de 90, as revistas estão mais coloridas e os textos são menores e escritos com caracteres maiores, contribuindo para uma leitura mais rápida. Algumas reportagens trazem, ao final, caixas com informações adicionais relacionadas ao assunto, o que difere da definição de Lage (2002) quanto à estrutura de uma reportagem, pois esta, segundo o autor, não apresenta diferenças estruturais com relação a textos expositivos em geral, havendo sempre sentenças-tópicos e documentações, além de parágrafos lógicos que

geralmente coincidem com os parágrafos gráficos. Além disso, considerando todos os exemplares analisados, eles tiveram seu tamanho reduzido a partir das revistas de 1997 e 1998, provavelmente pelo fato de terem se tornado quinzenais.

A revista, em 2007, apresenta textos fragmentados, de tamanhos reduzidos e dentro de *boxes*, com a provável intenção de facilitar a leitura daqueles que estão familiarizados à forma de ler na internet, em que a cada clique abrem-se caixas de textos.

3.7 ANÚNCIO PUBLICITÁRIO

Outro aspecto relevante é a forma da presença do gênero publicitário nas edições de 2007. Como mostra a Figura 15, há um anunciante cujo anúncio aparece inserido na matéria e que interage com o conteúdo abordado de uma forma divertida. Essa inserção é semelhante ao que ocorre quando acessamos *sites* na internet, em que caixas com anúncios publicitários aparecem sem serem requisitadas.

DESIGN • Flavia Zimbardi TEXTO • Renata Cruz e Marina Bessa ILUSTRAÇÃO • Felipe Guga

3 coisas que você precisa saber sobre acupuntura

Serve para dores do espírito
Segundo a medicina chinesa, as doenças são distúrbios na energia vital. A acupuntura busca harmonizá-la, curando tanto doenças físicas como psicológicas.

É reconhecida pela OMS
A Organização Mundial da Saúde atesta que a acupuntura é eficiente contra rinite, depressão e úlcera e funciona como analgésico entre 50 e 85% dos casos, sendo comparável à morfina.

Uma agulhada não dói
As agulhas costumam ser até 10 vezes mais finas que as agulhas de injeção. Você quase não sente a espetada, que costuma doer só quando o órgão ativado está muito doente.

e 1 coisa que você não precisa

Surgiu de uma luta
Diz a lenda que, há 5 mil anos, um soldado chinês foi ferido no tornozelo e sua dor de cabeça desapareceu. É que a lança pegou num ponto de acupuntura! A partir desse, todos os pontos foram traçados.

Como se faz uma escova progressiva?

Apesar de ser proibido, o alisamento feito com formol continua batendo recorde de público nos salões de cabeleireiro. O processo é bem simples:

- 1 Com um pincel, o cabeleireiro aplica o produto em uma mecha e, com um pente, espalha com cuidado para não encostar no couro cabeludo.
- 2 Depois, ele seca a mecha, fazendo uma escova.
- 3 Feito isso em todo o cabelo, passa-se a chapinha para selar bem os fios.
- 4 Pronto. Mas precisa ficar 3 dias sem lavar o cabelo.

Mais 4 dúvidas cruéis:

Por que é proibida? Porque o formol irrita a pele, os olhos e o trato respiratório. A Anvisa só permite seu uso em concentrações de até 0,2%. Para alisamentos, é preciso ao menos 4%.

Por que ela alisa com tanta naturalidade? Porque o formol quebra as pontes de enxofre, responsáveis por enrolar o cabelo. A dosagem e o calor fazem com que o resultado seja duradouro, mas não definitivo.

Ele estraga o cabelo? Sim. A escova progressiva danifica e enfraquece a estrutura dos fios. É preciso esperar 4 meses pra repetir a dose.

Há outros produtos que dão o mesmo efeito? Sim. O formol é bem mais barato, mas produtos à base de guanidina, triglicolato de amônia ou ácido diglicólico dão o mesmo efeito e são permitidos por lei.



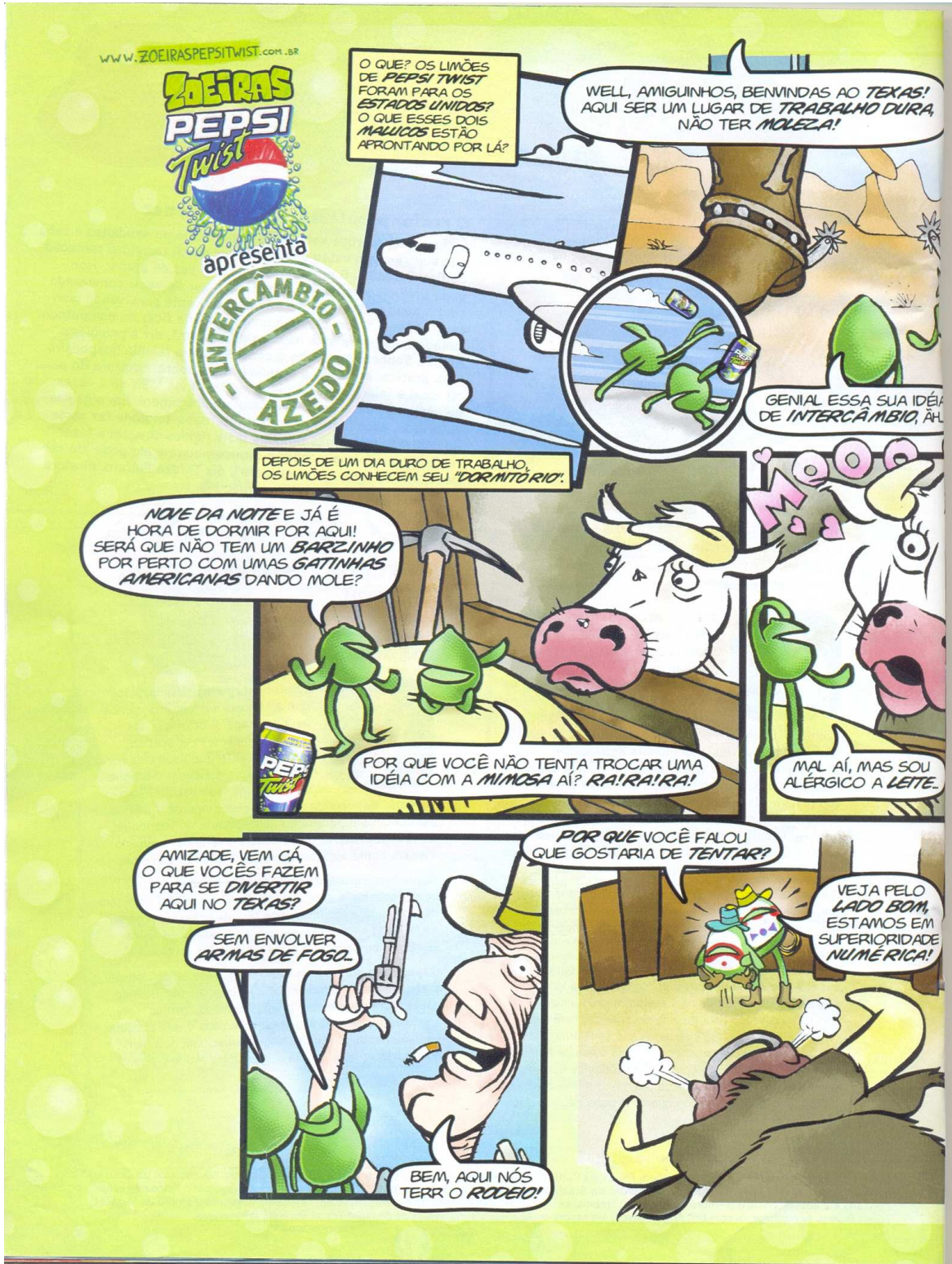
QUEM DEU AS INFORMAÇÕES • Valcinir Bedin, dermatologista e presidente do Instituto de Pesquisa e Tratamento do Cabelo e da Pele.

ZOEIRASPEPSITWIST.COM.BR

Conteúdo publicitário produzido pela Área de Projetos Especiais do Núcleo Jovem da Ed. Abril, sob encomenda da Almap.

Figura 15: Inserção de anúncio publicitário no texto.
Fonte: CAPRICHÔ, n. 1012, fev. 2007, p. 57.

A Figura 16, retirada de outro exemplar de 2007, é um outro anúncio do mesmo anunciante da Figura 15. Desta vez, trata-se de uma pequena história em quadrinhos relacionada ao assunto abordado nas páginas anteriores – intercâmbio.



CONCLUSÃO

Esta pesquisa mostra que algumas mudanças ocorreram na revista *CAPRICHÔ* nos sete exemplares analisados entre os anos de 1987 e 2007; entre elas, podemos apontar uma maior variação nas fotos das capas (passando estas, a partir de 1997, a ter uma relação com algum assunto abordado na revista), uma diminuição progressiva no tamanho das reportagens e uma alteração na forma de apresentação das mesmas.

Das edições analisadas, a de 1997 aparece como um marco no processo de mudança da revista; a partir dela, determinadas modificações se mantiveram e foram reforçadas em exemplares posteriores, tornando a revista cada vez mais colorida, com um grande apelo visual. Nas edições de 2007 analisadas, percebe-se que a internet tem uma forte influência na elaboração da *CAPRICHÔ*, aumentando a interferência de um suporte em outro se comparadas às edições anteriores.

A primeira influência substancial da internet nas revistas impressas analisadas foi observada pela escolha do tema de uma matéria da edição de 1997, em que se falava sobre o namoro virtual que estava começando a fazer parte do universo do público jovem. A revista estabelecia um diálogo com gêneros presentes na internet, remetendo os leitores ao suporte computador devido ao *layout* usado no texto impresso.

Constatamos que, a partir dos exemplares de 2007 analisados, características da internet apareceram de forma mais acentuada. Na seção “Sofá Inflável”, há, na entrevista impressa, a incorporação de traços do bate-papo presente no suporte computador, evidenciando, assim, um diálogo entre gêneros diferentes. Não somente o suporte computador interfere na revista impressa, podemos dizer que há uma interferência mútua entre eles; veja-se o caso da seção “Sexo”, em que há uma inovação no gênero bate-papo, que passa a vir impresso sem perder suas características de texto no computador.

O gênero anúncio publicitário analisado neste trabalho é mais um indício da interação entre os dois suportes analisados, uma vez que este é apresentado no corpo do texto de uma reportagem sem o estabelecimento de fronteiras entre o gênero jornalístico e o publicitário.

Uma significativa mudança foi verificada, a partir dos exemplares da década de 90, nos textos da revista, que passaram a ser apresentados em tamanho reduzido e, algumas vezes, dentro de *boxes*, o que se tornou mais freqüente nos exemplares de 2007 analisados,

remetendo o leitor ao texto *on-line*. Dessa forma, parece-nos que a leitura da revista impressa passa a exigir um leitor diferente, não só com habilidades necessárias para a leitura de um texto impresso, uma vez que os textos no suporte revista impressa estão muito semelhantes aos textos encontrados no suporte computador.

Assim, a revista *CAPRICHÔ* impressa se mostra ao seu leitor também como uma extensão da internet, um guia para auxiliá-lo a encontrar *sites* que atendam às suas necessidades e/ou interesses. Ao mesmo tempo em que a revista impressa se apropria de recursos característicos do suporte computador, ela parece instigar seu leitor a conhecer e fazer uso da internet, reforçando a idéia de que esta deve fazer parte da vida do jovem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARZOTTO, Valdir H. A materialidade do texto publicado em revistas periódicas. *Leitura: teoria & prática*, n. 31, jun.1998. Campinas: ALB / Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

_____. Limites na leitura: o texto e seu suporte. In: GREGOLIN, Maria do Rosário V. {et al.} (org.). *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

BIGNOTTO, Cilza C. O computador e a leitura “natural”. *Leitura: teoria & prática*, n. 32, dez (1998). Campinas: ALB / Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

FERREIRA E SILVA, J.; SÍMARO, S. M. O uso do pronome objeto no filme *Os Incríveis*. *Revista do Curso de Letras*. Uni-FACEF Centro Universitário de Franca, v. 1, n. 1. Franca: Uni-FACEF, 2005.

_____. O falante francano na televisão: o caso do pronome relativo *onde*. *Revista do Curso de Letras*. Uni-FACEF Centro Universitário de Franca, v. 1, n. 2, Franca: Uni-FACEF, 2006.

FIORIN, José L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

LAGE, N. Estruturas de textos midiáticos. In: GHILARDI, Maria Inês; BARZOTTO, Valdir H. (Orgs.). *Nas telas da mídia*. Campinas: Alínea, 2002.

MENDONÇA, Marina C. Estudos bakhtinianos e análise do discurso francesa. In: NASCIMENTO, E. F. S., OLIVEIRA, M. R. M., LOUZADA, M. S. O. (Orgs.) *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: Unifran, 2006.

OLIVEIRA, Maria Regina M. Práticas de discurso e de leitura em *blogs* jornalísticos. In: NASCIMENTO, E. F. S., OLIVEIRA, M. R. M., LOUZADA, M. S. O. (Orgs.) *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: Unifran, 2006.

CAPRICHOS. São Paulo, n. 620, abr. 1987.

_____. São Paulo, n. 632, abr. 1988.

_____. São Paulo, n. 761, jul. 1997.

_____. São Paulo, n. 779, mar. 1998.

_____. São Paulo, n. 1012, fev. 2007.

_____. São Paulo, n. 1013, mar. 2007.

_____. São Paulo, n. 1017, abr. 2007.